

O médico e sua medicina

"Não há geração sem quatro homens retos, que secretamente sustentam o Universo e o justificam diante do Senhor. Um desses varões teria sido o juiz mais idôneo. Mas onde encontrá-los, se andam perdidos e anônimos pelo mundo, e não se reconhecem quando se vêem, e nem eles mesmos sabem do alto ministério que cumprem?"

Jorge Luis Borges, *O Aleph*,
Jornalivros

FERNANDO PEDREIRA

Quatro homens retos. Ou quatro mulheres. É bem possível que seja tarde demais, e Inês já esteja morta. Mas talvez a lição possa servir a outros, mais adiante, se a República sobreviver até lá. O ministro Fernando Henrique acertou na teoria e errou na prática. Apontou sua lança para o coração do dragão, mas não parece ter forças para enterrá-la até o fundo, como seria preciso.

As causas da crise brasileira, cuja manifestação pior e mais óbvia é a inflação, são essencialmente políticas. Nascem da política, brotam e rebrotam do patrimonialismo, do primarismo demagógico e da corrupção que dominam a nossa cena política. Não se pode acabar com a inflação e a crise sem, pelo menos, conter e disciplinar esses feios vícios políticos. E como fazer isso, se o Congresso, peça-mestra do regime, não tem comando nem lideranças confiáveis, e na verdade se tornou um acampamento de predadores do Erário e, através dele, dos bolsos do povo? Se os deputados, mesmo os melhores, são "muristas", postam-se em cima do muro e só descem dele para dançar conforme a música?

Ainda há duas semanas, no voto da lei salarial, só um deputado (um único!), o pernambucano Gustavo Krause, teve a hombridade de votar conscientemente contra o projeto Paim. E, no entanto, sabemos todos que, num quadro de inflação institucionalizada e crônica, dar aumento de salário por decreto é o mesmo que amarrar a cenoura diante do focinho do burro para fazê-lo andar: por mais que o burro corra, jamais alcançará a cenoura. Ao contrário, numa situação como a nossa, a única maneira possível, eficaz e prática de aumentar salários é conter a inflação e, assim, reduzir o brutal desgaste que ela impõe à remuneração dos trabalhadores. Tudo o mais é paliativo, muitas vezes contraproducente.



Foi por entender isso que os líderes sindicais italianos, mesmo os comunistas, aceitaram os compromissos e limitações salariais que permitiram, numa hora crítica, o controle da inflação em seu país. Insistir no caminho dos Meneguelli e dos Paim (no caminho que é hoje o do próprio Congresso Nacional) só tem sentido político se o que se quer é agravar a crise, apressar a derrocada do atual regime e o advento do "milênio", isto é, a chegada ao poder do PT, com o Lula e o bem-intencionado socialismo jurássico de "frei" Betto e companhia.

Há quem acredite (como o guru dos endinheirados, Delfim Netto) que o melhor é beber logo o cálice amargo até o fim. O PT, no poder, meteria os pés pelas mãos e se desmoralizaria rapidamente. Talvez. Mas a que custo para o povo e o País? E para que, se a maioria dos eleitores, a maioria da Nação brasileira, em eleições sucessivas (ainda agora no Rio, em São Paulo, em Curitiba), tem mostrado que tudo o que quer é apenas uma administração diligente e eficaz da coisa pública, livre de radicalismos e ideologias?

Tão forte e óbvia é essa tendência da maioria dos eleitores que o próprio Lula se chega agora para o centro e "posa" de moderado e de estadista. Mas a questão salarial (e sindical), embora tão sensível e importante em si mesma, é hoje apenas mais uma eloquente indicação do erro tático que o ministro Fernando Henrique está cometendo. O ministro subestima a impaciência do público e a urgência de suas aflições. Quando começará a cair a

inflação? "Sei lá", responde ele. Seus assessores acreditam que até outubro ou novembro o ajuste de contas esteja concluído e o ritmo inflacionário possa baixar no ano que vem...

Até lá Inês estará morta e o ministro, demitido ou desmoralizado, falando sozinho. Talvez se entenda melhor a coisa se a pusermos em termos médicos. O paciente, o País, é vítima de uma rebelde infecção virótica que lhe consome as entranhas e provoca febre muito alta, delírios, suores frios. O fundamental, está claro, é combater a infecção. Mas, sendo impossível acabar com ela da noite para o dia, um bom médico cuidaria de reduzir o sofrimento do paciente durante o tratamento. Receitava-lhe ao menos uns comprimidos de salofeno para baixar a febre, conter o delírio, aliviar os suores, as câimbras e o mal-estar.

Com a febre caindo (ainda que apenas comprimida ou reprimida), o paciente, o País, se sentiria imediatamente melhor, mais disposto à luta contra a doença, mais confiante no médico e em sua medicina. A febre mais baixa, descendo em vez de subir, representaria menos desgaste nos salários (aumento real) e, portanto, algum alívio para a economia e a pobreza e mais apoio político para o governo e seu ministro. O próprio Congresso (apesar do PT, do Maluf e do Delfim) havia de se mostrar menos trêfego, mais responsável e respeitador.

Para fazer isso, Fernando Henrique não precisaria (nem deveria) mentir. Ao contrário, diria claramente que estava apenas procurando

do suprimir os sintomas mais penosos para que o País pudesse suportar melhor o tratamento verdadeiro e resistir às suas inevitáveis agruras. Pois o fato é que não há mais de dois métodos para matar o dragão inflacionário. Ou se mata a pau, de uma só porretada (e para fazer isso é preciso dispor de uma determinação e de um poder político que hoje estamos longe de ter), ou se adota o método alopático, gradual, que é o preferido do doutor Fernando e na verdade consiste em cortar uma a uma as fontes de alimentação do bicho, até vê-lo morrer de inanição.

Não é preciso ser nenhum gênio político para perceber que, escolhido esse segundo caminho, mais lento e seguro, é *importantíssimo* (ao menos numa democracia; o caso do marechal Castelo Branco era diferente) assegurar apoio político e popular continuado aos executores do plano, e isso não se consegue apenas com belas palavras: é preciso, num prazo razoável, mostrar resultados palpáveis.

Não há nada mais desejado no Brasil (consciente ou inconscientemente) do que o fim da inflação. E também não há nada mais desmoralizado no Brasil do que o combate à inflação. A grande vantagem do ministro Fernando Henrique é seu alto conceito pessoal. Todo mundo sabe que ele não é visionário, nem demagogo, nem trapalhão e não acredita em magia negra. Mas estas suas primeiras semanas na frente de combate já lhe terão mostrado que os obstáculos e resistências diante dele não podem ser vencidos apenas com simpatia e bons argumentos.

O governo precisa ter a seu lado um fervor e um vigor de apoio popular que pelo menos neutralizem as pressões do inimigo. Essas pressões são enormes agora (dentro e fora do Congresso), e só vão aumentar à medida que se aproxime o ano eleitoral de 94. Esses candidatos todos — à Presidência, aos governos estaduais, à Câmara e ao Senado — vão querer, cada vez mais desesperadamente, dinheiro, favores, medidas demagógicas e mais todo tipo de trampolinas diversas para sustentar suas despesas de campanha e contentar seus milhões de cabos eleitorais pelo País afora.

A batalha contra a inflação tem de ser ganha *agora*, nesses primeiros rounds, ou estará duplamente perdida no ano que vem. Restará a Fernando Henrique, então, dizer como aquele nosso distante antecessor: "O mar é o único túmulo digno de um almirante batavo." Ou batavo.

